

Operários na floresta: trabalho e cotidiano nas serrarias de Irati/PR na primeira metade do século XX

William Roberto Jorge

Especialista em História Cultural (UNICENTRO)

Valter Martins

Doutor em História, Professor da UNICENTRO

Resumo: A passagem da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande pela região centro-sul do Paraná em 1900 motivou a instalação de muitas serrarias. Extrair e beneficiar madeira demandava bastante mão de obra o que atraiu muita gente para essa atividade. Não raro as serrarias possuíam vilas operárias na floresta. Este artigo busca reconstituir aspectos da vida dos operários nas serrarias de Irati/PR.

Palavras-chaves: Irati/PR; Serraria; Madeira; Vila operária.

Abstract: The building of the São Paulo-Rio Grande Railway in the Mid Southern region of Brazilian state of Parana in 1900 prompted the installation of many sawmills. To extract wood demanded enough manpower which attracted many people for this activity. Not infrequently the sawmill workers had villages in the forest. This article attempts to reconstruct parts of the lives of workers in sawmills at Irati/PR.

Keywords: Irati/PR; Sawmill; Timber; Worker village.

Resúmen: La construcción de la Ferrocarrilería São Paulo-Rio Grande el la región centro-sur de Paraná en 1900 llevó a la instalación de muchos aserraderos. Extraer y disfrutar de madera he exigido suficiente mano de obra que atrajo a mucha gente para esta actividad. No es raro que los trabajadores del molino habían aldeas en la selva. Este artículo intenta reconstruir las vidas de los trabajadores en los aserraderos de Irati/PR.

Keywords: Irati/PR; Aserradero; Madera; Aldea de obreros.

No início do século XX a atual região Centro-Sul do Estado do Paraná onde está localizada a cidade de Irati, era coberta por floresta nativa quase intocada na qual as principais espécies eram as araucárias, imbuías e cedros. Intocada devido à falta de meios para sua exploração em larga escala e escoamento dessas madeiras para centros consumidores mais distantes. Essa realidade mudou radicalmente com a chegada da estrada de ferro São Paulo -

Rio Grande – Railway. Antes dela a floresta era explorada pelos habitantes locais e depois pelos imigrantes para construção de suas casas e cercas. Mesmo com a derrubada e queimada para dar lugar às roças, essa atividade artesanal causava um impacto ambiental relativamente pequeno. As ferramentas eram rudimentares, as áreas desmatadas eram pequenas, mas a ferrovia abriu novos horizontes (capitalistas) para exploração destas florestas, até então preservadas.

Mas chegou o dia de ouvir-se naquellas quebradas um écho compassado, perseverante, tenaz: é o machado que fende as árvores. Movem-se os braços brônzeos, os músculos de aço do nosso sertanejo, gente insensível à fome e à fadiga bem como à beleza e à opulência daquellas paragens, E deante desses homens retesados e enrigecidos, nas continuas luctas com as agruras da terra abalam-se os troncos gigantes, trabalho secular dum raio de sol, energia chimica accumulada anno após anno, minuto após minuto, naque'las fibras, e rangem sobre os seus fundamentos e esmagam a copada fronde no solo com o estrondo de uma deflagração. Os valles e as quebradas repetem esses últimos lamentos das árvores e a ellas segue-se o silêncio, a morte da floresta virgem... passam-se os annos e converteram-se aquelles encantos da natureza em cerrados estéreis e samambaias improductivos.¹

Já no início da década de 1920, Capri e Olivero demonstravam preocupação com o desmatamento o que talvez não fosse unanimidade na época. As florestas davam lugar às roças, às invernadas para a criação de animais e a novas povoações. A mata imensa, podia-se pensar, dificilmente seria vencida a golpes de machado. Mas com o trem chegaram as serrarias.

Sua instalação na região representou a perspectiva do progresso, do trabalho e de uma nova mentalidade de produção, a produção industrial: corte, transporte, beneficiamento, embarque no trem. A madeira explorada tinha diversas aplicações, como dormentes para a estrada de ferro, lenha para tocar as caldeiras das “marias fumaça” e, principalmente, madeira beneficiada para suprir a demanda do comércio local, regional e para exportação

Encontram-se os pinheiros somente nos planaltos onde o clima é temperado; nas depressões e nos valles dos grandes rios raream e quase que desaparecem. Além do pinheiro, encontram-se em abundância no Paraná outras madeiras riquíssimas, como a imbuya (*bigonia paranaensis*) madeira de grande resistência; é muito empregada na marcenaria e nas construções; a grossura da imbuya atinge até 1,80m de diâmetro;... os quadros estatísticos de exploração de madeira, organizados pelas repartições competentes da estado, demonstram

¹ Capri e Oliveiro, *Estado do Paraná* (São Paulo: Empreza Editora Brasil, 1924/25), 71.

perfeitamente o grande valor do pinho como 2º produto da indústria extrativa de quase todos os municípios paranaenses.²

O retorno financeiro do extrativismo florestal era imediato pois aquelas árvores centenárias estavam ali, prontas para serem exploradas. Mas já havia quem se preocupasse com a exploração em larga escala da madeira:

si as nossas florestas de araucária continuarem a soffrer a devastação brutal que actualmente vão soffrendo, sem uma medida de replantio, o Paraná, dentro de um século não terá mais pinheiros!... os poetas cantam a majestade do pinheiro; os artistas reproduzem-no na belezza das telas; os paranaenses de todas as capacidades intellectuais cercam-lhe a evocativa aparência em blemática de uma adoração cheia de patriotismo.³

Após a devastação, já se observava que muitas áreas se tornavam estéreis e improdutivas, nem sempre dando lugar à agricultura e pecuária.

Este era o panorama da região centro-sul do Estado do Paraná na primeira metade do século XX. Uma região riquíssima em recursos naturais que a estrada de ferro e as serrarias passaram a explorar. Essa riqueza natural, no entanto não foi distribuída de forma a beneficiar a região e todos aqueles que para lá se deslocaram, recrutados para os mais diversos serviços. As décadas iniciais do século XX foram marcadas por um desenvolvimento rápido e transitório. O progresso esperado se concretizou parcialmente porque grande parte da riqueza gerada pela indústria madeireira não ficou na região, conforme registrado nos documentos, memórias e fotografias. Através destes testemunhos do passado local buscamos os trabalhadores da madeira, quem eram e como representavam e interpretavam seu mundo, também de madeira

No Paraná na primeira metade do século XX era comum o modelo de fábrica importada da Inglaterra, autosuficiente em quase tudo. É da conjuntura da guerra que a Alberico Miranda e Cia. se beneficiava quando aumenta a procura do pinheiro parananense, ao mesmo tempo se beneficia da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande Railway que passa em Irati, onde a serraria estava instalada. Seguindo o modelo inglês de autosuficiência, Alberico e Cia era mais que um barracão com uma serra a vapor. A descrição que as Senhoras Maria e Odete fizeram da serraria pertencentes a seus pais ou a seu pai foi a seguinte: era uma pequena cidade. A serraria era uma vilazinha toda organizada. No armazém tinha

² Idem.

³ Idem, 40.

desde fumo até botinas e calças. Sábado era reservado ao homem que trabalhava no mato. Então eles vinham todos ao armazém, levavam uma latas de banha, levavam bacon, açúcar, até charque; eu cansei de ver mulheres de operários saindo com sacos de 30 quilos de trigo para fazerem pão em casa.; naquela época eles tinham uma vida cômoda...os operários eram caboclos brasileiros unidos a imigrantes alemães e italianos, que eram peritos em seus ofícios; estes técnicos sabiam muito; quando uma peça estragava, a reformavam para a máquina não parar e dar continuidade ao trabalho... e para assegurar uma boa qualidade de vida a seus operários, o Sr. Alberico investiu em infra-estrutura e reflorestamento, enquanto outros operários apenas se dedicavam à extração. Na serraria de meu pai, tinha linha de trem, nossa, particular; tinha uma máquina para levar a madeira para serrar; a derrubada era no mato e ali perto já tinha os trilhos para trazê-las para a serraria.⁴

Através deste trecho da entrevista feita pelo senhor José Maria Grácia Araújo com as filhas do senhor Alberico Miranda, podemos ter uma noção de como era a vida destes trabalhadores. Mas devemos levar em consideração que nem todas as serrarias eram iguais; o trabalho era semelhante, mas com algumas especificidades como veremos nos relatos dos trabalhadores.

A serraria descrita é comparada a uma pequena cidade com vida própria e o relato exalta o “cuidado” que se tinha com seus operários. Através deste relato, procuramos encontrar elementos de como era a vida destes trabalhadores em seus ofícios e fora deles, já que a vida fora da serraria muitas vezes era fortemente ligada a ela.

O cotidiano operário fora dos locais de trabalho nas décadas de 1920 e 1930 motivou Maria Auxiliadora Guzzo Decca, em seu estudo sobre bairros operários paulistas. A autora dedicou boa parte de seu trabalho a desvendar quais eram as atividades dos operários quando não estavam na fábrica. Decca verificou que muitas vezes tais atividades eram promovidas pela própria fábrica como cinema, futebol, bailes, teatros amadores, festas religiosas, quermesses, procissões e romarias. Assim, muitas atividades tinham como intuito o controle dos operários mesmo em seu tempo livre, ou seja, ter o operário próximo à fábrica, e o mais alienado possível; “tornou-se quase lugar-comum a afirmação de que a estratégia da sociedade capitalista, mesmo sem uma lógica fatalista e predeterminada, consiste na dominação do operário dentro e fora da fábrica”.⁵ Muitas vezes esta dominação ocorre sem que as pessoas envolvidas percebam,

⁴ Entrevista concedida por Maria e Odete Miranda a José Maria Grácia Araújo em 2008, apresentada na Rádio Najuá de Irati..

⁵ Maria A. G. Decca, *A vida fora das fábricas – cotidiano operário em São Paulo 1920-1934* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987), 49.

afirmando que “não havia” dominação, estratégia de poder e controle sobre os seus corpos e de suas famílias, e sim, uma colaboração ou ajuda “por merecimento” do patrão para com seu empregado.

José Sérgio Leite Lopes trata de uma situação semelhante, mas no contexto nordestino. Localizada em Pernambuco a tecelagem Companhia de Tecidos Paulista, tinha entre 10 e 15 mil operários registrados e uns 8 mil sem registro. A vila operária tinha nos anos 1950 aproximadamente 6000 casas. Os operários que ali trabalhavam tinham noção de que morar na vila tinha seu preço. Sem ter outra saída, aceitavam pagá-lo. Os “rebeldes” eram despejados de suas casas (que pertenciam ao patrão).⁶

As vilas operárias tinham suas especificidades, mas em geral havia um regulamento a ser seguido à risca pelos operários. A necessidade de emprego e a possibilidade de poder usufruir de moradia próxima ao trabalho a baixo custo ou mesmo sem custo, fazia com que muitos operários não notassem a política de submissão a que estavam sujeitos. Alguns afirmam que isso não ocorria, como informam os depoimentos.

Há imagens locais que apresentam uma serraria onde podemos analisar alguns aspectos externos da estrutura do seu funcionamento logístico, desde a matéria prima ao fundo e no pátio (os pinheiros ainda esperando o corte), madeira em tora e já beneficiada ao fundo; os carroções e caminhões usados para levar esta madeira até a serraria e, principalmente, as pessoas envolvidas neste processo.

O dia-a-dia destes operários da madeira é relatado por Altamir Borges dos Santos, que trabalhou muito tempo como “torero” em serrarias da região de Irati:

No início cortava a muque, com a serra americana.⁷ Uma vez fomos cortar um pinhal “enguiçado”. Pra você vê, o homem, o dono do terreno o JP, não queria deixar cortar, ele fez uma estripulia num barraco de um estalerador⁸ lá que morava em Imbituva; mais ele foi entregue na delegacia. Este homem o JP, morava ali na (Rua) Dezenove. Ele não queria deixar cortar, aí eles foram e trouxeram um pistoleiro, não sei de onde. E nós também tínhamos um barraco armado lá, mas eu vinha pra casa todo dia porque morava pertinho, dava uns 8 ou 10 Km, eu vinha embora a pé, uns outros paravam lá. Daí puseram aquele barraco pra mim ficar com o pistoleiro, fazer bóia pro home, e ele andava com dois revólver, um de cada lado; e eu pensei comigo sabe, eu arrumei a cama no chão, então

⁶ José S. L. Lopes, *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés* (São Paulo:Ed. Marco Zero, 1988).

⁷ Serra manual de até 4m, usada por duas pessoas para derrubada de árvores.

⁸ Operário responsável por organizar as toras para serem levadas para a serraria.

numa parte assim pro lado do mato que não tinha estaca né, era só rolar por baixo do encerado e agarra o mato e agarra o rumo de casa, porque eu pensava assim comigo: o JP não era home muito bom; ele podia vir de noite matar o pistoleiro enquanto dormia; então o pistoleiro, fez uma tarimba⁹ alta assim do chão bem no canto, do lado das estacas, sabe. Eu pensei comigo, este home no fim vem aí, estoura pipoca no home lá, eu rolo por baixo da encerado daqui e por aqui pra casa. Eu sem nada né, tinha um machado pra cortar lenha, mais até acha o machado, conforme a hora dá conforme a hora não dá...

Ele vinha vindo um dia lá, aí encontrou o Vitório L. e o Vitório perguntou:

- Onde você está indo JP?

- Vô lá atropela aquela corja do mato lá.

- Pelo amor de Deus JP, você volte embora, você não vá lá que o pistoleiro te mata; tem um pistoleiro lá no mato, não vá lá, vá pra casa porque você vai viver muito tempo, você vai lá, e o home te atora de bala.

Daí ele voltou embora e nós cortamos todos os pinheiros. - O terreno, diz que era do JP, era um terreno embrulhado, ele tinha se apossado lá do terreno, daí passou pra outro, depois passou pra outro. Depois nós fomos lá um dia corta pinheiro de novo, daí o Bastião Z. que era o novo dono daquele terreno “enguiçado”, foi lá e disse:

- Vocês peguem e vão embora senão vou buscar a polícia e prendo vocês. Mas que diacho, que confusão é essa; eu não vou embora, o Bastião Z. que vá toma banho, eu conhecia bem ele. A turma ficou com medo e disseram:

- vamos embora Altamir, vamos embora porque bem no fim nós vamos preso.

Daí eu pensei um pouco, sabe o que, vamo, vamo embora. Era umas três horas da tarde, reunimo tudo as ferramentas lá, porque eu tava cortando e os outros estavam tirando as cascas dos pinheiros, carreguemo tudo e chegamo aqui na serraria; e o chefe não gostou de ver nós de volta e falou:

- Ué Altamir, o que aconteceu que já estão de volta?

- Aconteceu que o Bastião Z. foi lá e mandou buscar a polícia pra prender nós.

- Mas não pode...

- Pode sim!

- Ele não manda nada lá.

- Eu não sei, mas ele tem um papel que diz que é dele os pinheiros e o terreno.

Era uma procuração falsa. Passou um pouco de tempo fomos lá e cortamos o resto dos pinheiros.

Depois, ali no Rio Azul velho, eu fui corta uns pinheiros lá, ele (o dono) um home idoso, já tinha morrido a primeira mulher e ele tinha vendido o pinhal para tratar dela. Fazia uns 20 anos que a serraria tinha comprado os pinheiros, mais o contrato não tinha fim né, cortava quando quisesse. A serraria comprava os pinheiros em pé e fazia um contrato pra corta quando precisava de madeira, e esse contrato podia valer até vinte anos. Daí eu fui corta; cortei um dia inteiro quando chegou um genro dele lá; eu fiquei meio desconfiado que tinha rolo, pois o patrão falou que era pra chegar numa casa lá no marmeleiro¹⁰ que vai um home junto com você lá no mato. Ué, porque será? Será que é um segurança (pistoleiro). Daí peguei o home lá e fomos corta os pinheiros. Passado umas horas chegou o genro do home e disse:

- Você não ponha a mão no pinheiro que eu te mato. E você Altamir não trema que eu te mato se você quiser derrubar um pinheiro.

Assim na dura sorte home, eu fui trabalha, fui ganha meu pão de cada dia,... daí eu disse pra ele:

- Tá bom, ta bom, eu paro de corta.

Mas ele não tinha nada com os pinheiros. Daí peguei reuni minha gente que eu tinha levado... ai o home que foi comigo (o pistoleiro) disse que se eu cortasse um pinheiro, ele tinha que atirar no genro do home antes. Ele era dono do terreno e não dos pinheiros.

Quando passou alguns dias voltamos e cortamos tudo os pinheiros; ele entregou-se, ele não podia segura; chamaram ele na autoridade, na justiça, tinha contrato, tudo certinho. Caiu os pinheiros...

Um dia acampamos lá nos coxos¹¹ no matão onde tinha uma raia velha e levemo dois cachorros pra cuidar do barraco, e de noite os cachorros iam acoando, acoando até o fim da raia e de repente voltavam correndo tudo e entravam dentro da barraca gritando... eu não sei se era assombração ou era uma onça que atacava os cachorros, porque o morador de uma lomba lá, disse pra nós não facilita, porque era tempo de pinhão e a onça vem pegar porco do mato que vem comer pinhão. Ai na outra semana pedi um revólver.¹²

Pelo relato do senhor Altamir, notamos que o trabalho dos “toreros” era cheio de “aventuras”, pois eles eram contratados para trabalhar na derrubada das árvores, mas devido às propriedades não terem precisão nos seus limites, estes trabalhadores corriam até mesmo risco de serem mortos por “invadirem” terras que na verdade nem sempre tinham escritura legal.

Muitos proprietários de terra vendiam as árvores em pé para serem cortadas quando a serraria precisasse de madeira. Contratos de até vinte anos

¹⁰ Localidade rural pertencente ao município de Rebouças, município que faz divisa com Irati.

¹¹ Localidade rural pertencente ao município de Rebouças.

¹² Entrevista concedida pelo Senhor Altamir Borges dos Santos, no dia 12/12/2008.

para execução do corte, muitas vezes podiam trazer problemas para os toreros que iam executar o trabalho de derrubada e, chegando ao local eram surpreendidos por ameaças. Isso acontecia, segundo Altamir, porque o tempo passava e as pessoas que haviam vendido as árvores faleciam e seus filhos e genros não aceitavam aquela situação e se diziam donos da floresta. Com a valorização da madeira muitos não queriam cumprir um contrato antigo, e até documento falso era apresentado nesta hora, como é o caso do Bastião Z., que através de uma procuração se dizia dono das terras e pinheiros. Levado à justiça, verificou-se a falsidade do documento.

Devido aos perigos que rondavam os toreros, muitas vezes se contratavam pistoleiros para dar segurança. Uma segurança ilusória porque quando se utilizava deste serviço ninguém trabalhava em paz com medo de uma tocaia. Também conviviam com os perigos naturais da mata como as cobras, aranhas e até onças que representavam um perigo iminente a estes trabalhadores. Era preciso tomar cuidado porque eles se encontravam longe de socorro médico. O maior perigo, conta Altamir, eram as jararacas, comuns nas raízes e tocos podres na mata.

Já o acampamento era montado em lugar alto próximo de água, porque além do seu uso para beber e cozinhar, servia para o banho e para “caçar” peixe à noite. Jogava-se uma lona – só para se proteger do sereno e da chuva – arrumava uma tarimba feita de madeira cortada ali mesmo, fazia alto do chão para evitar os bichos e forrava com acolchoado de palha que servia de colchão. Era uma instalação precária, mais depois de um longo dia usando uma traçadeira,¹³ era o melhor lugar do mundo.

Devido a problemas com vendas de “pinhais” sem contratos, os engenhos passaram a procurar cartórios a fim de oficializar essas compras e através destes contratos podemos verificar a quantidade de árvores cortadas e a mão de obra necessária para executar o corte destas madeiras, estaleiramento e transporte até o Engenho de Serra.

A seguir, cópia de um contrato datado de 1908:

Lançamento de um contrato particular passado entre os senhores João Baptista Anziute e João Ferreira de Camargo, este como proprietário de um terreno de pinhal sito no Riozinho, e aquelle como comprador dos pinheiros sob as seguintes condições. Primeiro – Os pinheiros de dois até dois e meios palmos¹⁴ pelo preço de quinhentos reis cada um e de dois e meio palmos para mais grosso a um mil reis cada um. Segundo – Sendo pinheiros nestas bitollas o comprador terá de ir cortando de toco aparado.¹⁵ Terceiro – O proprietário fica sujeito a vender todos os pinheiros que contiver no terreno ao Senhor João B. Anziute, defenden-

do somente os pinheiros que o vendedor precisar para seu gasto. Quarto – Caso o proprietário do pinheiral queira rescindir o presente contracto fica sujeito a pagar os prejuízos que possa sobrevir com a parada do Engenho. Quinto – O proprietário dá consentimento ao Senhor João B. Anziute, para conservar no criador os annimaes para seu serviço, vacas de leite e carneiros e também fechar a ilha junto ao Engenho para sua horta. Sexto – Caso o Sr. João F. de Camargo, faça venda do mesmo terreno, fará o comprador cumprir o presente contracto. Septimo – Ao passar o presente contracto o vendedor recebeu Rs cem mil réis, por conta dos primeiros cem pinheiros, sendo os demais pagamentos de cada cem pinheiros que forem cortados nas bitolas acima. E por assim termos contractados passamos dois de igual thêor que assignamos. Achava-se uma estampilha¹⁶ federal do valor de trezentos reis inutilizados do seguinte modo:- Irati, treze de Outubro de mil novecentos e seis (data da estampilha), Assignados. A rogo do contractante João F. de Camargo por me pedir Vicente de Benedito como testemunha presente Antonio Fidelis Gonçalves, idem, Francisco de Paula pires (Reconhecimento) . Reconheço por semelhanças as treis assignaturas do que dou fé. Eu, Affonso R. de Souza, escrivão Districtal Vitalicio, servindo de Tabelião de notas pela Lei, que o escrevi e assigno em público e razo. Em testemunho de verdade. Via-se mais seis estampilhas estadoaes no valor de mil e quinhentos reis, inutilizadas do seguinte modo: Villa do Iraty, dezeseis de setembro de mil novecentos e oito. O Tabelião Affonso R. de Souza. Era o que se continha em dito contracto particular o qual bem e fielmente transcrevo, do que, dou fé. Eu, Affonso R. de Souza, Tabelião de notas pela Lei, que o escrevi, transcrevi, conferi e assigno em público e razo. Em testemunho de verdade. Villa do Iraty, 16 de setembro de 1908.¹⁷

Com este tipo de contrato, os compradores tentavam se proteger contra possíveis problemas futuros, pois como o serviço de corte, estaleiramento e transporte até o Engenho de Serra era manual, isso necessitava de tempo, anos, e caso o vendedor mudasse de idéia, teria que arcar com multas previstas. Os pinheiros com valor comercial tinham medida acima de dois palmos de diâmetro e quanto mais grossa a árvore, agregava mais valor de venda. O proprietário só podia cortar pinheiros naquele terreno se fosse para uso próprio

¹⁴ Em média, um palmo é considerado 22cm .

¹⁵ Toco aparado seria o corte de todas as árvores com medidas ao acordado entre o vendedor e o comprador – neste caso seria o corte de todos os pinheiros acima de dois palmos de diâmetro.

¹⁶ Estampilha, Selo do Fisco (Dic. Aurélio – Idem Ibidem, p. 229) – selo fiscal colado no contrato, “inutilizado”: colado e carimbado no valor designado revertido ao Fisco.

¹⁷ Escritura Pública registrada em cartório: Cartório Lisboa, Irati – Contratos de compra e venda de madeira. Livro de Notas nº 7; (daqui por diante, será citado da seguinte forma: EP / CL I – CCVM).

e também se comprometia a vender todos os pinheiros da propriedade à parte interessada neste contrato. Para executar o trabalho na mata, era preciso fornecer a alimentação dos toreros. Por isso o comprador solicitava em cláusula contratual que durante o período do corte da madeira fosse permitida a criação de animais para o serviço como cavalos e bois e para alimento, vacas de leite e carneiros e também de uma área cercada para horta.

Em caso de venda deste terreno, “*fará o comprador cumprir o presente contrato*”. Muitos problemas são relatados nos depoimentos sobre casos em que os toreros não eram bem recebidos quando chegavam para o corte das árvores.

Os contratos fornecem a dimensão da quantidade de árvores cortadas e levando em conta que este trabalho era feito com serra manual, percebemos aí a quantidade de pessoas envolvidas nesse processo. Para realçar o trabalho executado pelos toreros, apresento abaixo transcrição de pequenos trechos de uma parcela destes contratos no período de 1908 a 1912:

Escritura publica de compra e venda de madeira...no anno de 1909...nesta Villa do Iraty, Districto e Município do mesmo nome, termo de Santo Antonio do Imbituva, comarca de Ponta Grossa estado do Paraná...comprador o senhor Fayad Maluf, comerciante residente na cidade de São Paulo... o presente contrato constante das cláusulas e condições seguintes: Primeira – A parte contratante senhor Thomaz Malanski vende a segunda Sr. Fayad Maluf, dez mil pinheiros de dois palmos e meio para cima de diâmetro, exceto a casca, ao preço de dois mil réis cada pinheiro. Segunda – os pinheiros... são os que existe dentro do terreno situado no Riozinho. Terceira – a parte contratante obriga-se a comprar o excedente dos pinheiros estipulado na cláusula anterior pelo mesmo preço e condições e acaso não tenha a quantidade de pinheiro estipulada na cláusula anterior o contratante vendedor não é obrigado a completar, isto é o que existe dentro do terreno referido... Quarta – os pagamentos serem effectuados depois que forem derrubados cem pinheiros e assim por diante. Quinta – o valor do presente contrato é de vinte contos de réis, importância total dos pinheiros vendidos, sendo a multa de quatro contos de réis, além de custas e honorários de advogados pela parte que houver arrependimento ou deixar de cumprir as clausulas estipuladas. Sexta – o comprador fará os pagamentos de pinheiros a medida que sejam derrubados, de cada cem pinheiros. Sétima – a parte contratante comprador, depois que tirar as toras de pinheiros para serrar, tira ainda dos pinheiros, madeiras para lenha para a machina e as pontas dos pinheiros e nós fica ao contratande vendedor...”¹⁸

O comércio de madeiras era tão promissor que comerciantes de grandes centros como São Paulo, deslocavam-se até as áreas de corte com intuito de servir de atravessadores ou representantes de empresas do comércio de madeira. Era enviada para estes grandes centros tanto madeira bruta como beneficiada nos Engenhos de Serra. Estes engenhos usavam máquinas a vapor para acionar todas as outras máquinas, e os contratos previam cláusula assegurando o uso da lenha extraída no corte das árvores como combustível para o locomóvel. Os donos de engenho compravam as árvores e garantiam a lenha necessária para fazê-lo funcionar. Ao vendedor restava além do lucro da venda, a sobra da madeira recusada pelo engenho, aquela parte com nós e galhos que eram usados como lenha e como palanques, rachões¹⁹ e tabuinhas para telhados.²⁰

Escreitura publica de compra e venda de pinhal... que no anno de 1910...nesta Villa do Iraty... a parte contratante senhor Antonio J. Fogaça vende ao senhor Manoel Gracia e Companhia, um mil e novecentos pinheiros em pés a razão de dois mil réis cada um... a parte contratante compradores... depois de tirar as toras para serrar, tira ainda os galhos e cascas para lenha a machina, ficando o contratante vendedor com as pontas dos pinheiros... os pinheiros serão tirados do terreno no prazo de cinco annos e cazo por qualquer motivo de força maior não possa ser tirado nesse prazo o contratante vendedor, dará novo prazo de mais treiz annos, tempo em que será tirado os ditos pinheiros. E de como assim disseram e contractaram do que dou fé,... Eu Affonso R de Souza, tabelião de notas pela Lei, que o escrevi e assigno em público e raso."²¹

Escritura publica de contracto de compra e venda de pinheiros... no anno de 1911 ... os pinheiros existentes do terreno de sua propriedade sito no Iratim velho, deste Districto, sendo os pinheiros de quinze pollegadas para cima... são obrigados a tirar os pinheiros de dentro do terreno dentro do prazo de doze annos a contar desta data.²²

¹⁹ Rachões eram tábuas lascadas de madeira usadas em cercas (colocada entre um palanque e outro).

²⁰ Tabuinhas lascadas com o uso de talhadeira, que serviam para a cobertura de casas e outras edificações.

²¹ Idem, *Ibidem* EP / CL I - CCVM

²² Idem

Nos contratos acima, consta o período para o corte desta madeira. No primeiro era de cinco anos, podendo ser prorrogado por mais três anos e no segundo, prazo de doze anos para a retirada da madeira. Em relato, Altamir Borges dos Santos afirma que trabalhou em pinhal com contrato de vinte anos para o corte.

Além do pinheiro, outras madeiras também tinham grande interesse comercial como a canela, o cedro e, principalmente a imbuia, que era muito apreciada e seu valor era superior ao do pinheiro.

Escritura de contrato de compra e venda da madeiras... vendedor o senhor Joaquim Manoel Pereira à Fayad Maluf ... Saibam todos quanto este publico instrumento de escritura de contrato de compra e venda de madeiras viram que no anno de 1910... nesta Villa do Iraty... fazer o contrato constantes das clausulas seguintes: Primeira - ...vende um mil pez de pinheiro a dois mil reis cada um e duzentos metros cúbicos de madeira de imbuia a treis mil reis cada metro para ser tirado essas madeiras em seu terreno no lugar denominado Riozinho deste Districto...”²³

Contracto de compra e venda de madeiras que faz parte como contractante vendedor o senhor Francisco Calderari a senhor Fayad Maluf... no ano de 1909... nesta Villa do Iraty... Primeira - venda de quinhentos metros cúbicos de toras de imbuia farquejadas²⁴ ao preço de trinta e cinco mil reis o metro cúbico postas e embarcadas em vagon no desvio do kilometro cento e um à cento e dois, sendo as toras de dois a cinco metros de comprimento,... sendo marcadas e numeradas na cabeça das toras o resultado da cubação. Segunda – as entregas mínimas será de um vagon mensal... Terceira – as toras que forem embarcadas na estação do Iraty, o contratante comprador obriga-se a pagar mais cinco mil réis por cada metro de madeiras, cubicos... as toras de imbuia deve ser de dois, treis, quatro e cinco metros de comprimentos.²⁵

²³ Idem.

²⁴ Beneficiamento rudimentar da tora usando cunha, machado e serra.

²⁵ Idem, Ibidem, EP / CLI – CCVM.

Escritura publica de contrato de compra e venda de imbuias, aos compradores senhor Maluf Sayeg e companhia... no ano de 1911... um mil e dez pez de imbuias de dois palmos e meio para cima de diâmetro, sendo sem defeito algum como seja: ocada, ardida²⁶ ou podre ao preço de seis mil réis cada pez.²⁷

Estes contratos se referem principalmente à venda de imbuia, uma madeira muito procurada e com valor comercial muito superior às outras madeiras. Normalmente esta madeira era transportada para outros centros em toras onde o comprador fazia o corte conforme agregasse mais valor de revenda da madeira beneficiada. A região era muito rica destas madeiras, inclusive onde hoje está instalada a área urbana de Irati era coberta por esta floresta

:

Esriptura pública de contrato de compra e venda de pinhal... no anno de 1922...nesta Villa do Iraty...venda de pinhal situado no lugar denominado Iraty, próximo a Estação de Estrada de Ferro, desta Villa, sendo todos os pinheiros existentes dentro do perímetro e área de cento e vinte e cinco alqueires... sendo de dezoito pollegadas de grossura para cima.²⁸

Além do trabalho dos “toreros” na mata que forneciam a matéria prima para os engenhos, havia necessidade de muita mão de obra no trabalho das serrarias, como informa o senhor Eugênio Sawczuk:

A traçadeira é diferente da americana; a traçadeira é igual a um serrote e a americana tem uns dentes duplos. Eu trabalhei naquela máquina lá (o locomóvel) como fogueista; não dava defeito, só que tinha que cuidar da água, já tem vidro lá, marca, não pode encher de mais e não pode deixar faltar. Se faltar, arrisca explodir tudo; acaba o barracão e some o maquinista. Diz que explodiu uma máquina dos Escarolo, diz que acabou, não matou ninguém, fez um buraco; diz que o maquinista saiu lá fora buscar lixo para queimar, ele só sentou com aquele estrondo - caiu por fim, e não sentou... – (rindo), fez um buraco, acabou com tudo.

Na primeira serraria que trabalhei, lá na serraria do Gato Preto,²⁹ só

²⁶ Ardida – madeira “brocada”.

²⁷ Idem, EP / CLI - CCVM

²⁸ Idem.

²⁹ Gato Preto era a localidade onde hoje é o Pinho de Cima em Irati. Segundo o senhor Eugênio, tinha este nome porque havia uma bodega e na porta tinha o desenho de um gato preto. E assim, as pessoas começaram a colocar o gato preto como referência ao lugar, e até hoje é conhecido assim.

trabalhava nós, gente ali do lugar, brasileiro; trabalhava de dia e à noite fazia ampliação da serraria – o aumento dos barracões – fazia os pé direito... os pregos eram feito no ferreiro, feito de ferro, é só fazer a ponta; estes pregos que tem nas vigas é só para firmar, não tinha encaixe nas vigas para não enfraquecer a viga; com o peso já lasca, por isso não tinha encaixe. Esta serraria foi montada lá porque o proprietário (Gugelmin) havia comprado uma grande quantidade de pinheiros e imbuías em pé. Então, devido a tanta madeira foi construído esta serraria e lá foi cortado árvores por quase dez anos.

Onde eu morava, pra lá das porteiras, onde hoje é Apiaba,³⁰ trabalhava na roça, era pouca terra; daí a turma começaram a corta pinheiro lá no início da década de 1960; trabalhei duas semanas lá, aí o chefe falou que ia fazer uma casa na serraria pra mim e que não era pra ir embora sem tomar uma pinga no bar do seu Laroca. Começamos no sábado cedo e domingo tava feito o rancho. Era pequeno, tinha quatro peças. Só faltava o fogão a lenha. No outro dia já mudei pro rancho do lado da serraria. O meu ranchinho velho vendi pro meu compadre; vendi por cem mil réis e meio saco de feijão; naquele tempo era dinheiro. Fiz o assoalho de costaneira farquejada, mas costaneira de polegada. O forro também, costaneira de polegada, os pé direito de pinheiro. O fogão a lenha fiz de uma chapa de ferro. Ah, eu comprava engradado de pinga. O Marconato saia vende a pinga de casa em casa e eu e meu compadre sempre comprava. Ele tomava tudo e mandava o pia lá em casa busca um copo de pinga; um copo não adianta, eu mandava uma garrafa - (nunca me devolveu...). Chegava lá em casa o Pedro louco e dizia: “gênio, vim toma da tua pinga boa, do Marconato”; amarrava o cavalo na cerca e vinha toma a pinga. Este homem, o Marconato, morava lá em Bela Vista, em Imbituva. Ele comprava a pinga de um alambique de lá, comprava de barril e a pinga era muito forte, então ele misturava com água até ficar no ponto e saia com o fordinho vende nas casas e nas bodegas do interior.

Mais tarde, já no início dos anos 70, morei na vila operária dos Rebesco. Na época não pagava aluguel, mais depois de algum tempo, passou-se a cobrar um aluguel bem baratinho; veio mais tarde a luz, e lenha tinha a vontade, trazia os restos que não servia para a serraria; só tinha fogão a lenha. Era bom mora lá, bom de fato. Morei vinte e dois anos lá; nosso horário era sábado até o meio dia, mais às vezes era preciso trabalha fora do horário, mais era bom porque sempre ganhava gorjeta. Quando não trabalhava na serraria no final de semana, trabalhava pros outros, sempre tinha serviço, você sabe, construir casa. A minha casa era a 18, e tinha mais, acho que tinha 24 e mais umas lá pro lado de cima da serraria. Lá tinha (e ainda tem), uma igreja católica, e tinha festa todo ano com procissão, celebração durante toda a quaresma. Eu fazia qualquer serviço

conforme me mandavam. Compraram pinheiro em Gutierrez,³¹ um mês puxando tora, encheram o pátio de pinheiro com casca; a turma ia descascar a tora, uns iam descascar as toras por dinheiro e outros iam pra ganhar as cascas e depois vendiam na cidade; dava um fogo bom. Muito pinheiro, era pinheiro.³²

O Senhor Eugênio nasceu no ano de 1931 e começou cedo a trabalhar com corte de madeira, mas somente após os trinta anos de idade foi trabalhar em serraria. Agricultor, foi convidado para trabalhar na construção de uma serraria no interior de Irati, próximo onde ele morava na localidade de Gato Preto. Toda a estrutura desta serraria era de madeira bruta, pinheiro e imbuia cortada com serra traçadeira e americana. Os pregos eram feitos nas ferrarias e tinham mais de trinta centímetros de comprimento. Devido à dedicação com o trabalho, foi integrado como funcionário e o gerente (capataz) mandou construir uma casa para ele. Morando ao lado da serraria, à noite, para “passar” o tempo, fazia a ampliação dos barracões e a construção de um poço para coletar água para o locomóvel. Assim, dedicava o dia no trabalho interno, no beneficiamento da madeira e à noite e finais de semana se dedicava a trabalhos na ampliação, consertos e limpeza da serraria, recebendo por estas horas trabalhadas.

Percebe-se aí uma mudança de vida, quando o homem deixa sua terra, vende sua casa e passa a morar na casa que pertence à serraria. Uma mudança estratégica e conhecida do capitalismo, onde o homem, de detentor de seus meios de sustento ou produção, passa a vender sua mão de obra, não possuindo mais os meios de produção. Uma mudança lenta que não é sentida de imediato, pois isso é “compensado” no final do mês quando se recebe o pagamento. Mas, quando se detém os meios de produção, o homem é dono do seu tempo e quando vende sua força de trabalho, o tempo já não lhe pertence, é controlado pelo sistema capitalista, ou seja, o relógio (o apito), o patrão. Quando era agricultor, a renda era menor, mas ele fazia o que queria durante o dia, durante o ano, mas para trabalhar na serraria, era preciso acordar cedo, pois tinha horário a ser cumprido, trabalhar o dia todo e para receber um pouco mais, trabalhava-se à noite e finais de semana.

Com certeza, nesta primeira metade do século, as atividades urbanas haviam perdido qualquer vínculo com o tempo da natureza; de há muito se encontram subordinadas ao tempo abstrato, ao dia implacavelmente dividido em 24 horas. A introdução dessa específica noção de tempo é,

³¹ Bairro de Irati

³² Entrevista concedida per Eugênio Sawczuk, no dia 19/01/2008

como afirma Thompson (Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial), indispensável para a constituição da sociedade. Ela arranca o homem da lógica da natureza, dos dias de duração variada de acordo com as tarefas a cumprir no decorrer das diversas estações do ano, e o introduz ao tempo útil do patrão, o tempo abstrato e produtivo, o único concebido como capaz de gerar abundância e riqueza, e, mais importante ainda, o único capaz de constituir a sociedade disciplinada de ponta a ponta. Em obediência ao seu contínuo e irreversível fluxo, à repetição diária dos mesmos percursos em direção às mesmas tarefas em momentos previsíveis desse evolver linear, a sociedade do trabalho se institui e elabora sua própria imagem.³³

Com a escassez da madeira no Gato Preto no final da década de 60, a serraria encerrou suas atividades e os operários se mudaram para a cidade em busca de emprego. Este é um dos problemas da indústria extrativista. Com o fim da matéria prima, por vezes representava o fim da atividade e o desemprego de muita gente. Assim, o senhor Eugênio empregou-se na serraria Rebesco. Trabalhava em qualquer serviço, mas gostava de trabalhar na máquina a vapor, o locomóvel, pois já tinha experiência de como operá-la. Tinha um cuidado muito grande por esta máquina que era o “coração” da serraria. Como não tinha mais casa própria, foi morar na vila operária e, segundo ele, era bom morar na vila. Era perto do trabalho e tinha muitos amigos lá. Na hora do almoço ia pra casa, dava tempo “até de descansar”. O aluguel era simbólico e os restos de madeira que não era aproveitada pela serraria os operários podiam levar para suas casas para uso no fogão a lenha. A diversão principal era o futebol seguido do carteadado, mas o mais marcante para ele eram as festividades da quaresma em torno da igreja de madeira, a igreja do Divino Espírito Santo, que está preservada até hoje. Era um período de penitência onde se “guardava” a quaresma com procissões até a chegada da Semana Santa. “Era tudo muito bonito”, dizia ele com os olhos brilhando e interrompendo a fala por alguns instantes..., como se estivesse vendo um filme em sua memória, “foi um tempo muito bom”...

O apito da serraria balizava o trabalho dos operários e a vida das pessoas que moravam na vizinhança. O apito era acionado pelo vapor do locomóvel e também era uma forma de controle dos operários. Através dele, determinava-se a entrada, intervalos e término do expediente. Na serraria Rebesco, havia um apito curto - de um só toque - às 11:00 horas, que era um aviso para as

³³ Maria S. M. Bresciani, *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1998, p.17

mulheres prepararem o almoço pois faltava meia hora para o término do expediente da parte da manhã e seus maridos estavam prestes a chegar. Dizia-se que pela manhã as mulheres saíam para tomar chimarrão “nas comadres” e só voltavam com o “apito das onze”. Mas a Senhora Marlene Bonfim,³⁴ ex-moradora da Vila Rebesco diz que isso é “comentário de homem” porque não era bem assim, pois havia aquelas que saíam, e aquelas que não, e quando tocava aquele apito “curto”, na casa dela o almoço já estava pronto.

Cada vila operária tinha suas características e a principal diferença entre a vila pernambucana estudada por José Sérgio Leite Lopes, e a vila operária em que morou o senhor Eugênio Sawczuk em Irati, está no tamanho da vila. E isso determina alguns fatores que influenciavam diretamente na vida dos operários e suas famílias. Em a Cidade das Chaminés era explícita a relação de poder e os próprios operários tinham noção desta dominação exercida pelo patrão. Já os moradores da vila operária Rebesco dizem que não existia esta relação de poder e dominação, pois as casas que a firma (serraria) dispunha para os funcionários, era uma maneira de ajudar ele e sua família, e quando precisava trabalhar fora do horário era compensado com um ganho extra. Consta-se aí a diferença de visão quanto às relações de poder, o que em Pernambuco era um “custo” (submissão), em Irati era considerado “lucro” (favorecimento). “A existência da vila operária assegura por si só a assiduidade dos operários assim como a sua pontualidade. Desde o apito da fábrica, até a instituição do chamador que vem garantir de porta em porta o fim do sono daqueles operários que começam a trabalhar de madrugada”.³⁵

O discurso “ajudar” pode ser emblemático, uma vez que o operário estando em posição de favor mesmo pagando aluguel fica uma sensação de querer retribuir e uma maneira de fazê-lo, seria uma maior dedicação ao trabalho. Outro fator seria o medo de perder o emprego, que acarretaria também na perda da moradia. Era, apesar da aparente generosidade do patrão, uma estratégia para obter total colaboração dos operários e garantir sua desmobilização.

O senhor João Bonfim (seu Jango) sempre trabalhou com madeira acompanhando seu já falecido pai nas “lidas” do mato, com as serras e afazeres de carpinteiro. Em entrevista ele nos conta como eram essas “lidas”:

Toquei muito aquele apito, trabalhei no locomóvel, abria a pressão para tocar... trabalhei de caldeirista, afiador, serrador, estalerador e também fazia ripa pra cobrir casa; tenho até o ferro de tirar ripa pra cobrir casa e ripa pra cerca... cortava o pinheiro, traçava, daí partia certinho com essa

³⁴ Esposa do senhor João Bonfim (Jango).

³⁵ Lopes, 58.

ferramenta, saía bem certinho as ripinhas de cobrir casa, agora é custoso uma casa coberta de tabuinha. Meu pai me ensinou fazer aquilo... era lascado, bem certinho, pregava a primeira carreira e depois vinha cobrindo com a segunda carreira, cobrindo o frestinho; durava e não dava goteira. Foi meu pai que me ensinou tirar a tabuinha pra cobrir casa e também tirava ripa pra fazer cerca, o rachão; o pinheiro que não dava tabuinha – aquele que não partia bem – fazia rachão pra fazer cerca. A imbuia que não partia bem, fazia palanque e dormento pra vender para a estrada de ferro.

Desde pequeno trabalhei derrubando pinheiro a muque. Nasci em 31 (1931) e você sabe né, no interior se vai cedo pro trabalho. Eu mesmo afiava a serra pra derrubar pinheiro; era preciso encontrar o resseco dele. Todo pinheiro tem um lado que tem resseco que é aquele lugar onde a resina ressecava; então ali, fazia a barriga com o machado, cortava um corte grande e terminava em nada, daí com a serra cortava; quando ia prensando a serra, batia uma cunha pra levantar um pouco pra aliviar a serra. Ficava bem levinho; cunha de ferro, de madeira, cunha grande, batia com marreta. Tirava duas toras e o resto fazia palanque, rachão e aquela parte com nó deixava no mato.

O acampamento, chegava e se tivesse um ranchinho, falava com o dono e ali ficava, e se não tivesse, fazia uma coberta com lona e a cama era quatro estacas, enchia de varinha e taquara e colocava o colchão de palha por cima, mas o fogo tinha que amanhecer aceso pra espantar os bichos, até onça tinha lá, urrava pertinho do acampamento na Areia Branca,³⁶ e tendo fogo ela não chegava. Urrava perto por isso não podia apagar o fogo, e cobra tinha muito, tinha que tomar cuidado.

No mato você se vira, aprende a lida com as plantas. Remédio bom era o óleo de sassafras.³⁷ Você ferve com água daí ele solta um óleo e este óleo se separa da água; o óleo baixa e a água sobe; ele é bem amarelinho, serve como remédio, você coloca no machucado, branqueia aquela espuma, no outro dia ta com casca, já cicatriza e tem um cheirinho bom, é um perfume.

Lá no acampamento, cozinhava na vara; fincava duas estacas, colocava uma vara e colocava as panelas ali, feijão, carne, arroz, charque, tudo panela pendurada na vara, tinha que ser vara verde e grossa pra não queimar e ia pro mato cortar e voltava pro almoço; às vezes fazia panelada de couro de toucinho, fazia aquelas paneladas, parolo! Não é panela, era panela de ferro, grande com quatro tetinhas embaixo, chamava parolo; meio dia tava tudo pronto.

³⁶ Localidade rural entre Irati e Inácio Martins.

³⁷ Árvore Canela Sassafras ou sassafrás (*Ocotea odorífera*) é uma espécie da flora brasileira ameaçada de extinção do ecossistema da Mata –Atlântica, segundo o IBAMA. – é utilizada para a retirada do óleo, em móveis e também construções em geral. Disponível em www.wikipédia.com.br acesso em 10/04/09.

Estaleirava pinheiro e imbuia com cavalo e boi. Era sofrido demais; com geadas não era fácil. No Gato preto cortava a muque e estaleirava com cavalo. A traçadeira era coisa boa, eu mesmo afiava, era um dente pra cá e um pra lá, e a puxadeira (americana) era afiar e bater a forquilha com o martelo, abria um pouco o dente. Pra pegar fio, tinha que deixar no sol. O rachão era de 2,5 a 3 metros de comprimento. Colocava dois palanques, um do lado do outro e no meio colocava uma ripa (rachão) e vai colocando erguendo até a altura que quiser. À noite fomos no rio pega uns peixes, garantir a janta... mais não era fácil agüentar os pernilongos, se não tivesse fogo, não dormia. No trabalho não tinha como ficar sem fogo na volta, o braço ficava preto de tanto pernilongo, é fumaça pra espantar, senão não dava.³⁸

Desde criança o seu Jango acompanhou o seu pai no trabalho com madeira e sua experiência nos revela a dedicação e gosto por este trabalho, mesmo com muitas dificuldades. Aprendeu com seu pai a fazer tabuinhas para cobrir casa, tipo de cobertura muito usada na primeira metade do século XX na região de Irati.

Além de derrubar as árvores com serras manuais, fazer estaleiramento e transporte, seu Jango também trabalhou na construção dos carregadores por onde passavam os carroções e, mais tarde, caminhões carregados de toras até o Engenho. Alguns madeireiros dividiam os serviços dos toreros em equipes ou até mesmo empreitavam estes serviços a outra equipe para ganhar tempo na retirada da madeira conforme trechos de contratos registrados no cartório:

Escritura pública de contracto de empreitada para puxar toras ... no anno de 1911... no Riozinho, districto e Município de Iraty... o senhor Thomaz Malanski empreita com os senhores Maluf Sayeg e Companhia, para puchar no seu Engenho de Serra seis mil toras de pinho de até trinta palmos de comprimento... devendo a puchança ser feito dentro do prazo de dois annos a contar esta data... caso a primeira parte contractante precisar algum concerto de carroças, será feito nas oficinas do Engenho.³⁹ Escritura de contracto de empreitada... no anno de 1910... no quarteirão do Riozinho, Districto e Município do Iraty, ... empreitada para estaleirar toras de pinho de comprimento de quinze até trinta e dois palmos... a quantia de cinco mil toras.⁴⁰ Escritura publica de empreitada para estaleirar

³⁸ Entrevista concedida por João Bonfim em 20 de fevereiro de 2009.

³⁹ Idem, Ibidem, EP / CL I - CCVM

⁴⁰ Idem. Ibidem EP/CLI -CCVM

toras... no anno de 1911... estaleirar cinco mil toras de pinheiros ao preço de um mil réis cada uma, ficando obrigado a fazer todos os carregadores que for preciso... situado no Riozinho deste Município... sendo as toras completamente descascadas, não podendo a parte contratante estaleirar toras que contenham nós... ficando também obrigados a limparem bem os carregadores bem como as frentes dos estaleiros de modo a facilitar o trânsito das carroças.⁴¹

Através desses contratos notamos a grandiosidade da tarefa destas equipes que trabalhavam de sol a sol, com geadas, frio e chuva. Um trabalho manual com serras, machados e usando muito a tração animal. O caminho geral eram as estradas mais largas por onde passariam os carroções carregados de toras do estaleiro até o Engenho e os carregadores eram os caminhos por onde passavam com os animais puxando as toras até o estaleiro. Na frente destes estaleiros, os viradores tinham que ficar limpos e com bastante espaço para que fosse possível manobrar os carroções puxados por até oito cavalos. A seguir, fotografias de estaleiros usando “juntas” de bois para arrastar as toras.

Considerações finais

Através dos contratos de compra e venda de madeira podemos notar que o que tinha valor para o comprador eram os pinheiros e madeiras de lei, não tendo interesse na terra e que durante o corte tinham alguns direitos sobre ela, como uso irrestrito de usar ou fazer carregadores, pontes, estaleiros e até instalação de serrarias móveis para beneficiamento da madeira, bem como usar espaço para criação de animais de tração e para alimentação dos toreros. Para execução desta tarefa, era preciso um grande número de operários pois além de milhares de árvores a serem derrubadas, cortadas, estaleiradas, transportadas e beneficiadas, todo o trabalho era manual, serra, machado, tração animal e o beneficiamento através de serras movidas pelo locomóvel ou força hidráulica, a roda d'água. O vendedor ficava com o lucro da venda das árvores e um terreno devastado. Assim, o lucro da venda daquela floresta centenária ficou nas mãos de poucos.

Muitos trabalhadores da madeira moravam nas vilas operárias pertencentes aos patrões. Tais casas eram muito requisitadas pelos operários e suas famílias, uma vez que podiam usufruir de alguns benefícios como morar próximo à serraria, muitas vezes sem pagar aluguel e quando pagavam, geralmente era um valor simbólico. Os restos de madeira que não eram úteis na fábrica eram cedidos aos operários para uso nos fogões a lenha de suas

casas. Podiam ainda participar das atividades programadas e incentivadas pela empresa. Tudo isso tinha um custo, que era manter o operário ao lado da fábrica e quando ela precisasse, estes trabalhavam nos finais de semanas e feriados, mas mesmo assim, ainda hoje, através dos depoimentos estes operários garantem que não havia política de poder e dominação sobre eles e suas famílias e sim um benefício para “prestigiar” o funcionário. Assim, estes trabalhadores se identificam como trabalhadores da madeira, pois mesmo quando não estavam a serviço da serraria, sempre estiveram fortemente ligados ao trabalho relacionado a esta atividade, como carpinteiros ou lenhadores, na construção de casas, cercas, fazendo tabuinhas para cobrir as casas e outras atividades ligadas à madeira.